

GRUPO DE CONVERGÊNCIA: INTERROGAR A CLÍNICA

MARÍA EUGENIA VILA

Acerca do *savoir y faire avec...*

Interrogar a clínica é debater, dialogar no laço social que Convergência propicia; é refletir com esses restos que nos chegam no dizer do analista, dizer que supera o dito e que traz ressonâncias de sua prática, irremediavelmente perdida; *é interrogar esse fazer com o impossível a suportar*; é compartilhar com os colegas e amigos esses tempos de abertura e encerramento do inconsciente, por onde algo se produz, nos quais *o analista paga com seu ser*. Do percurso neste Grupo de trabalho precipitam algumas reflexões que quero compartilhar com vocês no marco deste Congresso de Convergência.

A prática da Psicanálise concerne ao sujeito, que é efeito, dividido entre o que diz e o que sabe; tem a ver com o desdobramento do Saber através de sua palavra -em transferência- e com a hipótese do inconsciente que - *estruturado como uma linguagem*- *é na análise que se ordena no discurso*¹,

No seminário da Ética, Lacan dialoga com a proposta aristotélica sustentada no Bem supremo. A ética da psicanálise se corresponde com o singular, aponta ao radicalmente inconsciente -que governa os nossos atos- articulado ao imaginário e ao real. *Não ceder no desejo* –diz Lacan- *ao tempo que assinala a submissão do homem à lei do inconsciente*². Portanto, na nossa prática não se trata de fazer o bem, ou de querer o bem do analisando (também não o contrário) senão fundamentalmente, de sua verdade, a do sujeito, como diz seu desencontro com o real, por que rodeios que lhe comportam sofrimento, detenção, responde ao real. Uma questão que me interessa salientar é a distinção entre o real e a verdade ficcional entretecida no fantasma, nessa malha simbólica imaginária a respeito de um real que é resposta aos mandatos do Super ego, às tentações do id pulsional.

¹ Lacan, Jacques. Lituraterre.

² Lacan, Jacques. Seminario La Ética del Psicoanálisis. (Seminário A Ética da Psicanálise).

Na aula de 11 de janeiro de 1977, Lacan apresenta a articulação entre o saber e a verdade, que como disse em Radiofonia e reitera, que não tem nenhuma relação. No discurso do ato psicanalítico no lugar da verdade fica situado o saber.

A verdade tem estrutura de ficção, faz alusão a como diz o sujeito seu desencontro com o real, aos significantes, aos gozos que o habitam. No trajeto de uma análise é mister interrogar essa verdade que se produz, fazer-lhe lugar, deixá-la falar e pelas intervenções do analista -próprias do tempo do ato- o analisando poderá dizer com meias palavras e de outro modo seu desencontro com o real, trata-se de que possa encontrar seus melhores modos de responder ao real que lhe permitam avançar em seu desejo. Como assinala Isidoro Vegh *a verdade não diz o real, aponta para o real, diz ao sujeito como responde ao real.*

O saber -conjunto articulado de significantes- fracassa, não pode dizer a verdade, e sim, quando o saber balbucia, emerge a verdade do sujeito, por sinal, um lapsus. Isto tem lugar pelo desdobramento da palavra na experiência da transferência. Lacan assinala que *O inconsciente é um saber, uma habilidade, um savoir-faire com a língua*³

Cabe destacar que quando falamos de saber não nos referimos a conhecimento. O saber é um conceito na psicanálise, trata-se de um saber que toca o real : Diz Lacan na citada aula *“ saber fazer ali é outra coisa que saber fazer- quer dizer se desenrolar”*⁴. Opõe saber e fazer. Alude a um saber que tem a ver com o gozo que sustenta o sintoma.

Como pensar o saber no fim da análise? Trata-se de um sujeito advertido, de um saber do qual se fez a experiência em transferência e que tem efeitos na estrutura, toca o gozo. Então o savoir faire remete a esta experiência transferencial que implica as três dimensões: Real, simbólica e imaginária. Experiência que não é sem a repetição, experiência do

³ Lacan, Jacques. Seminário Encore. Aula de 26 de junho de 1973. Biblioteca EFBA. Para circulação interna.

⁴ Lacan, Jacques. Seminário L'insu que sait de l'une-bevue s'aile a mourre. Aula de 11 de janeiro de 1977. Biblioteca EFBA. Para circulação interna.

traspés, da patinhada, da ruptura, do desencontro, do achado, tempo no qual emerge a verdade.

Savoir y faire avec o sintoma implica várias questões. Algumas vezes pode ter lugar a construção de um dispositivo no real, de uma nova canalização de gozo para esses restos que não encontram outro destino que estar aí à espreita, prestes a se manifestar e estragar a cena que sustenta o desejo do sujeito. Outras, um estar advertido que alude a não se meter com esses gozos emaranhados que o afastam de seu desejo, não voltar a transitar essas trilhas que o conduzem a nos enrolar com a demanda do Outro feita pulsão ou com seus mandatos. Savoir faire avec o Sinthome tem a ver com recriá-lo, desdobrá-lo.

Responsabilidade que também envolve o analista.

Em outra ordem de coisas, savoir faire avec o sintoma é fazer de outro modo, concerne à ética da psicanálise em não ceder o desejo, em não recusar o inconsciente, à ética do bem dizer, *se reconhecer no inconsciente* como diz Lacan em Televisão e propiciar no laço social outros modos de dizer, ou seja, não derrapar por efeito desses restos que por não passar pela lógica da incompletude do inconsciente, perduram.

^[1] Lacan, Jacques Seminário L'insu que sait de l'une-bevue s'aile a mourre. Aula de 11 de janeiro de 1977. Biblioteca EFBA. Para circulação interna.